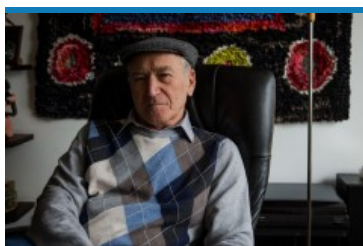


29/07/2016 às 05h00

Em 'Os Visitantes', ditadura nunca se esvai

Por Jorge Félix | Para o Valor

Difícil é a tarefa do narrador. Árdua. Quase sempre inglória. Se pretende uma narrativa imparcial, precisa lidar com seus demônios. Pura ilusão. Seja qual for a perspectiva, a neutralidade é impossível. Talvez a tarefa mais ingrata seja tourear as assombrações alheias. A semiótica ensina como a percepção do outro é indomável. Perigosa.



'Os Visitantes' é continuação de 'K', romance de estreia de Kucinski, em 2011

Em 2011, no seu romance de estreia, aos 74 anos de idade, o jornalista Bernardo Kucinski (literariamente apenas B. Kucinski) decidiu ampliar ainda mais o risco do narrador. Cardeal no jornalismo e seminarista na literatura, sua condição pouco o constrangeu a invadir a brenha de um romance "à cléf" parcial, com tom denunciador, preenchido por uma realidade biográfica e ainda ambientado na história de um Brasil sob regime militar.

O conjunto desses elementos estilísticos, porém, constituiu-se no imensamente bem-sucedido "K. - Relato de uma Busca", em que essa mixórdia harmônica pretendeu recontar o périplo de seu pai à procura da filha, jovem professora do Instituto de Química da Universidade de São Paulo e militante da Aliança Libertadora Nacional, assassinada pelas forças de repressão.

Inicialmente recepcionado com parcimônia pela crítica literária, "K" terminou o ano finalista de seis prêmios no Brasil e no exterior - com tradução em oito idiomas. A performance permitiria a um escritor bissexto e septuagenário depor as armas com galhardia. No entanto, uma vez narrador, adeus, sossego.

Lygia Fagundes Telles disse certa vez que é preciso escrever todos os dias, caso contrário os personagens abandonam o escritor. Todavia, uma vez posto o ponto final no romance, o autor jamais seria despovoado por suas criaturas. Assim se deu com Kucinski.

Em sua mais recente novela, "Os Visitantes", um escritor (ele mesmo) é cobrado por seus leitores assombrados ou personagens "fictícios" ou ainda participantes da história. Um de cada vez, 12 personagens batem à sua porta em busca de explicações e retificações, culpando-o ou elogiando, algumas vezes, por méritos que ele mesmo reconhece não tê-los. Em todos os casos, porém, a visitante é uma só: a repressão, personagem principal de "K". Entre cafezinhos, cachacinhas ou uma conversa rápida em pé na porta, Kucinski mostra que, uma vez visitante, a ditadura nunca se esvai.

No díptico escrito por Kucinski - se pudermos vestir aqui a pele de um de seus visitantes -, a democracia surge como os portões abertos do palacete do filme "O Anjo Exterminador", de Buñuel - citado pela filha de "K" em carta a uma amiga. Os personagens do filme jamais atravessam os portões depois de um banquete, embora fartos. "Parecem retidos por um sortilégio." No primeiro livro, a filha compara os portões à militância na luta armada, da qual não conseguia mais escapar. Os portões como liberdade validam essa dupla interpretação. Essa liberdade os visitantes, sejam eles vítimas do regime militar brasileiro ou do Holocausto, nunca mais experimentaram em suas vidas.

Cultura & Estilo

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ver todas as notícias



PENSKE LOGISTICS
SOLUÇÕES PERSONALIZADAS PARA A CADEIA DE SUPRIMENTOS.

PENSKE SAIBA MAIS

À mesa com o Valor

Entrevistas



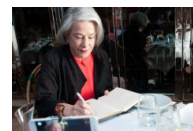
SARAH MENEZES
Suavidade em luta 🔑

05/08/2016 às 05h01



MATEUS SOLANO
Quanto mais malvado, melhor 🔑

29/07/2016 às 05h00



ELIANA CARDOSO
Uma vida sem economia 🔑

22/07/2016 às 05h00



ROBERTO KALIL FILHO
No coração do poder 🔑

15/07/2016 às 05h00



SUZANA HERCULANO-HOUZEL
Desbravadora de mentes 🔑

08/07/2016 às 05h00

Vídeos

É difícil enquadrar a narrativa magnética de Kucinski aos parâmetros convencionais da teoria literária. Em "Os Visitantes", essa discussão, inclusive, é travada com um crítico entre um gole e outro de cerveja. O crítico defende que "K", a começar pelo título, se propõe kafkiano. "Mas o narrador kafkiano não é onisciente, não entra na cabeça dos personagens", reclama. E obtém a resposta: "Nem minha novela se propõe kafkiana, nem eu entrei na cabeça deles". Talvez Kucinski seja mais dostoiévskiano.



Sua literatura é aprisionada por um narrador de si mesmo angustiado por narrar o mundo e obcecado por um olhar justo. Em "Os Visitantes", Kucinski expõe seu incômodo com a mediação. Traz para a literatura seu velho compromisso com um jornalismo ético. Ou, como diz um dos visitantes: "Todo mundo deve explicações a todo mundo".

Nesse aspecto, é preciso sublinhar, os objetivos do caráter político de sua literatura encontram os próprios alvos da Comissão da Verdade, incumbida de reescrever a história da repressão dos anos de chumbo. O quanto dói? "Os Visitantes" são a sociedade inteira em sua tentativa de esconder, expor ou recontar - independentemente dos lados - a história com palavras pré-selecionadas à mercê das emoções e das opiniões. Dos demônios de cada um. De quem narra e de quem é narrado. Seja o visitante pessoa física ou jurídica, conceito ou ideologia. Seja até mesmo a própria literatura. Ou melhor, neste caso, seja o visitante o próprio B. Kucinski, que bate à porta da arte em busca de explicações de sua própria existência.

"Os Visitantes"

B. Kucinski Companhia das Letras, 88 págs., R\$ 34,90 / AA+

AAA Excepcional / AA+ Alta qualidade / BBB Acima da média / BB+ Moderado / CCC Baixa qualidade / C Alto risco

[f Compartilhar 0](#) [Tweet](#) [Share](#) [G+1](#) [0](#) [Ω](#)



A chance e o risco de Temer
20/05/2016



Lançamentos

Livros, músicas e filmes



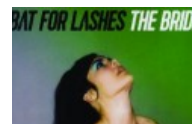
CD
**Mick Harvey
relê
Gainsbourg**

AA+



CD
"Earth"

BBB



CD
"The Bride"

BBB



DVD
**"Vice
Principals" (1ª
temporada)**

BBB



DVD
**"The Night of"
(minissérie)**

BBB

Legenda AAA Excepcional BBB Acima da média
CCC Baixa qualidade AA+ Alta Qualidade
BB+ Moderado C Alto Risco